

## A dependência cultural no pensamento de Celso Furtado

### *The cultural dependency of the Celso Furtado's thought*

Wilson VIEIRA

Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

[vieiraeco@gmail.com](mailto:vieiraeco@gmail.com), [wilson.vieira@ie.ufrj.br](mailto:wilson.vieira@ie.ufrj.br)

**Abstract.** *The objective of the work is to analyze Celso Furtado's reflection on cultural dependence, developed from the 1970s onwards, showing it as one of the factors for the continuity of Latin American underdevelopment. The working hypothesis is that cultural dependence contributes to the continuation of underdevelopment by limiting economic, social and technological development within the reality of underdeveloped nations, as there is, in fact, an uncritical import of consumption and production paradigms from developed countries, not suited to peripheral reality. The method of this work uses the analytical tools of the language of John Pocock's political ideology, Karl Mannheim's sociology of knowledge and Karl Marx's historical-dialectical materialism. This means that the historical-material-political-linguistic context in which Furtado produces his reflection will be considered, placing it in the debate on Latin American development and its challenges.*

**Keywords:** *Cultural Dependency. Underdevelopment. Celso Furtado's Thought.*

**Resumo.** O objetivo do trabalho é analisar a reflexão de Celso Furtado sobre a dependência cultural, desenvolvida a partir da década de 1970, mostrando-a como um dos fatores para a continuidade do subdesenvolvimento latino-americano. A hipótese de trabalho é a de que a dependência cultural contribui para a continuação do subdesenvolvimento ao limitar um desenvolvimento econômico, social e tecnológico dentro da realidade das nações subdesenvolvidas, pois ocorre, na verdade uma importação acrítica dos países desenvolvidos de paradigmas de consumo e produção, não adequados à realidade periférica. O método deste trabalho se utiliza das ferramentas analíticas da linguagem do ideário político de John Pocock, da sociologia do conhecimento de Karl Mannheim e do materialismo histórico-dialético de Karl Marx. Isto significa que se levará em consideração o contexto histórico-material-político-linguístico no

qual Furtado produz sua reflexão, localizando-o no debate sobre o desenvolvimento latino-americano e os seus desafios.

**Palavras-chave:** Dependência Cultural. Subdesenvolvimento. Pensamento de Celso Furtado.

Recebido: 27/09/2025 Aceito: 01/11/2025 Publicado: 10/12/2025

DOI:10.51919/revista\_sh.v1i0.512

## 1. Introdução geral e metodológica

O **objetivo** deste trabalho é analisar a reflexão de Celso Furtado sobre a dependência cultural, desenvolvida a partir da década de 1970, mostrando-a como um dos fatores para a continuidade do subdesenvolvimento latino-americano.

A **hipótese de trabalho** é a de que a dependência cultural contribui para a continuação do subdesenvolvimento ao limitar um desenvolvimento econômico, social e tecnológico dentro da realidade das nações desenvolvidas, pois ocorre, na verdade, uma importação acrítica dos países desenvolvidos de paradigmas de consumo e produção, não adequados à realidade periférica latino-americana.

A **metodologia de análise** deste artigo se utiliza das ferramentas analíticas da linguagem do ideário político de John Pocock (2003), da sociologia do conhecimento de Karl Mannheim ([1936] 1986) e do método da controvérsia, elaborado pelo Laboratório de Estudos Marxistas (LEMA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e apresentado no artigo *Elementos metodológicos para a organização da história do pensamento econômico brasileiro: a abordagem das controvérsias*, de Carla Curty e Maria Malta, parte integrante do livro *Controvérsias do pensamento econômico brasileiro: história, desenvolvimento e revolução* (2022), organizado por Maria Malta, Carla Curty, Jaime León e Bruno Borja. Esse método é referenciado na teoria marxista, fundamentada no materialismo histórico-dialético o qual, por sua vez, condiciona a construção do pensamento<sup>1</sup>. Segundo Curty e Malta (2022, p. 43):

O movimento histórico (pensamento e realidade material) permite interpretações e posicionamentos diversos sobre si mesmo, o que leva à existência de diferentes formulações, muitas vezes altamente conflituosas entre si. Desse conflito surgem controvérsias e debates confrontando distintas análises de uma mesma situação.

Portanto, ao adotar tal metodologia, leva-se em consideração o contexto histórico-material-político-linguístico no qual Furtado produz sua reflexão, localizando-o no debate sobre o subdesenvolvimento latino-americano e seus desafios.

---

<sup>1</sup> Para mais detalhes, ver Marx ([1857-1859] 2011, [1859] 2008, [1906-1910] 1987).

O trabalho se encontra dividido nos seguintes tópicos, além desta introdução: um tópico que trata resumidamente dos antecedentes da reflexão de Furtado e seu contexto, isto é, entre 1948 e 1970, seguido de outro que analisa a reflexão desenvolvida por ele na década de 1970 e de considerações finais.

## 2. Antecedentes: a reflexão de Celso Furtado entre 1948 e 1970 e seu contexto

A reflexão desenvolvida por Celso Furtado entre 1948 e 1970 pode ser dividida em quatro momentos. Um **primeiro momento** é o da reflexão produzida a partir de sua tese de doutorado defendida em 1948 na Universidade de Paris (Sorbonne): *A economia colonial brasileira nos séculos XVI e XVII* (publicada em português em 2001), base de suas reflexões posteriores sobre a história econômica.

Um **segundo momento** se encontra entre 1949 e 1957, quando Furtado atuou na então recém-criada Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), sob o comando de Raúl Prebisch<sup>2</sup>. Nesse período Furtado elabora reflexões sobre a história econômica do Brasil (continuando o que havia começado na sua tese de doutorado), elabora uma teoria do subdesenvolvimento, buscando entender essa realidade na América Latina e defende o planejamento global proposto pela CEPAL como forma de estimular a industrialização nos países dessa região, caminho para a superação do subdesenvolvimento. Cabe destacar também que Furtado participa de um rico debate ocorrido no Brasil sobre o desenvolvimento, o subdesenvolvimento e o planejamento aqui no Brasil, principalmente no período em que coordenou o Grupo Misto BNDE-CEPAL (1953-1955)<sup>3</sup>. As reflexões sobre história econômica, economia brasileira e teoria do subdesenvolvimento podem ser encontradas em Furtado (1950, 1952, 1954, 1956, 1958) e as reflexões sobre a importância do planejamento global para a superação do subdesenvolvimento podem ser encontradas em Furtado (1953, 1954a, 1956a, 1958a).

Furtado sai da CEPAL em 1957 e parte para realizar estudos de pós-doutorado na Universidade de Cambridge (Reino Unido) em 1958, onde escreve o livro *Formação econômica do Brasil* (lançado em 1959), tendo desenvolvido uma abordagem original para analisar a história econômica do Brasil.

Um **terceiro momento** se encontra quando Furtado retorna ao Brasil em 1959 e assume primeiramente no BNDE a coordenação do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), base da sua luta pela criação da Superintendência para o Desenvolvimento do

<sup>2</sup> Sobre Raúl Prebisch, ver Dosman (2011).

<sup>3</sup> Sobre o debate acerca do desenvolvimento nesse período, ver Bielschowsky (2000)

Nordeste (SUDENE), concretizada em 1959 e na qual ocupou o cargo de superintendente até o golpe civil-militar de 1964 (com uma pequena interrupção de alguns meses de 1962 e 1963 para ocupar o então recém-criado Ministério do Planejamento). Nesse período, Furtado observa que a industrialização não trouxe automaticamente resultados esperados quanto à distribuição dos seus frutos para a população em geral, além de ter acentuado as disparidades regionais, passando a defender um desenvolvimento que vá além da industrialização, passando pela defesa da ampliação de políticas públicas voltadas à educação, à distribuição de renda, e também pela defesa da reforma agrária e de mudanças no marco institucional, a fim de modernizá-lo perante as novas necessidades do projeto de desenvolvimento. Também ocorre uma atuação em defesa das políticas de desenvolvimento implantadas no Nordeste, a fim de eliminar o subdesenvolvimento nordestino em relação ao Centro-Sul. As reflexões desenvolvidas nesse período ganham um caráter mais interdisciplinar na busca de continuar diagnosticando o subdesenvolvimento e propondo alternativas para se alcançar o desenvolvimento, como podemos observar em Furtado (1961, 1962, 1964), além da própria elaboração do Plano Trienal (1962) para o Ministério do Planejamento e do projeto de “manifesto” das forças progressistas, que pode ser encontrado em Furtado (1989).

Após o golpe civil-militar de 1964, Furtado, cassado de seus direitos políticos no Ato Institucional nº 1, parte para o exílio, primeiramente no Chile e nos EUA e depois para a França, onde assume um cargo de professor na Universidade de Paris (Sorbonne) por quase vinte anos. Aqui se inicia um **quarto momento**, no qual as reflexões se dão sobre as consequências para o Brasil a partir da ditadura civil-militar brasileira, observando a hegemonia dos EUA sobre a América Latina e diagnosticando um cenário de estagnação para o Brasil, tal como podemos observar em Furtado (1966, 1968, 1968a). Tal diagnóstico foi criticado por Tavares (1971) e pelas duas vertentes da teoria da dependência, a weberiana, como pode ser visto em Cardoso e Faletto ([1970] 1984), e a marxista, como se observa em Marini (1969) e Dos Santos (1967).

A partir dessa breve exposição, podemos observar um cenário de grandes transformações no capitalismo mundial a partir do centro com fortes reflexos na periferia, influenciando o debate sobre o subdesenvolvimento latino-americano e possíveis caminhos para a sua superação. Furtado participa ativamente desse debate, ao lançar novos termos (tal como Pocock afirma), em um caminho cada vez mais interdisciplinar, mas sem ainda adentrar no terreno da dependência cultural, como analisamos no próximo tópico.

### 3. A dependência cultural no pensamento de Celso Furtado: presença do subdesenvolvimento

A partir da observação de que a estagnação no Brasil não perdurou longamente, tendo sido superada a partir do “milagre” econômico brasileiro (1967-1973), Furtado modifica suas reflexões, observando o grande crescimento da economia, mas sem a superação do

subdesenvolvimento, enfatizando cada vez mais o caráter dependente desse crescimento industrial (numa aproximação cada vez maior com a teoria marxista da dependência - TMD<sup>4</sup>), não considerando esse crescimento sequer um caso de desenvolvimento, ao contrário do que poderia ser considerado dentro das visões de Pinto (1976) e Graciarena (1976), os quais teorizam sobre os estilos de desenvolvimento na América Latina<sup>5</sup>.

No processo de sua reflexão no decorrer da década de 1970, Furtado traz inovações na sua teoria ao elaborar e lançar o termo “modernização”, parte integrante de uma construção teórica que chegaria à dependência cultural nos anos finais desse decênio. Podemos observar tal construção em Furtado (1972, 1974, 1976, 1978), a qual analisamos nas linhas seguintes<sup>6</sup>.

No livro *Análise do “modelo” brasileiro* (1972), podemos observar que a palavra “modelo” aparece entre aspas para denotar que o “milagre” não se trata de um modelo de desenvolvimento econômico, como se apregoava na época tanto no Brasil quanto no exterior, mas sim um caso de crescimento econômico conjugado com forte concentração de renda, fruto de reformas econômicas feitas pela ditadura militar no período 1964-67 através do Plano de Ação Econômica Governamental (PAEG). Segundo Furtado, esse período demonstra claramente que somente a industrialização não traz automaticamente o desenvolvimento socioeconômico. É nesse livro que ele lança o termo “modernização”, mantido também entre aspas porque, segundo ele, não se trata de uma modernização que supera a situação de subdesenvolvimento, apesar da continuação da industrialização, mas sim uma mimetização dos padrões de consumo das classes médias dos países centrais pelas classes médias dos países periféricos.

No livro *O Mito do Desenvolvimento Econômico* (1974), Furtado busca aprofundar o significado da “modernização” para os países subdesenvolvidos, observada nos seguintes pontos:

- I) A “modernização” está inserida no processo de industrialização da periferia, a qual não se orienta para formar um sistema econômico nacional, mas sim para completar o sistema econômico internacional. Essa industrialização é algo específico das economias subdesenvolvidas.
- II) A industrialização periférica conta, de maneira cada vez mais forte, com a presença das grandes empresas transnacionais.
- III) A partir das modificações estruturais ocorridas no centro (transnacionalização das grandes empresas e financeirização crescente do capital), principalmente a partir da segunda metade da década de 1960, observa-se as seguintes consequências: a) processo de unificação dos países centrais, o qual levou a uma intensificação do seu crescimento; b) ampliação considerável do fosso entre o centro e a periferia; c) as relações comerciais entre países centrais e periféricos

<sup>4</sup> Para mais detalhes sobre a aproximação do pensamento de Celso Furtado com a TMD, ver AUTOR (2022).

<sup>5</sup> Sobre o enfoque dos estilos de desenvolvimento, ver Medeiros (2021).

<sup>6</sup> As breves análises de Furtado (1972, 1974, 1976, 1978) se baseiam largamente em AUTOR (2023).

(mais ainda do que entre os países do centro) se transformaram progressivamente em operações internas das grandes empresas.

IV) A “modernização” é uma manifestação de mimetismo cultural da periferia. Segundo Furtado (1974, p. 80):

Para captar a natureza do subdesenvolvimento, a partir de suas origens históricas, é indispensável focalizar simultaneamente o processo da produção (realocação de recursos dando origem a um excedente adicional e forma de apropriação desse excedente) e o processo da circulação (utilização do excedente ligada à adoção de novos padrões de consumo copiados de países em que o nível de acumulação é muito mais alto), os quais, conjuntamente, engendram a **dependência cultural** que está na base do processo de reprodução das estruturas sociais correspondentes [grifo nosso].

V) A partir dos pontos listados acima, Furtado (1974, p. 81-82), então, define a “modernização” da seguinte maneira:

Chamaremos de *modernização* [grifo do autor] a esse processo de adoção de padrões de consumo sofisticados (privados e públicos) sem o correspondente processo de acumulação de capital e progresso nos métodos produtivos. Quanto mais amplo o campo do processo de modernização (e isso inclui não somente as formas de consumo civis, mas também as militares) mais intensa tende a ser a pressão no sentido de ampliar o excedente, o que pode ser alcançado mediante expansão das exportações, ou por meio de aumento da “taxa de exploração”, vale dizer, da proporção do excedente no produto líquido. (...). Daí que apareçam crescentes pressões, ao nível da balança de pagamentos, quando o país atinge o ponto de rendimento decrescente na agricultura tradicional de exportação e/ou enfrenta deterioração nos termos de intercâmbio. (...). A importância do processo de modernização, na modelação das economias subdesenvolvidas, só vem à luz plenamente em fase mais avançada quando os respectivos países embarcam no processo de industrialização; mais precisamente, quando se empenham em produzir para o mercado interno aquilo que vinham importando. (...). Ao impor a adoção de métodos produtivos com alta densidade de capital, a referida orientação cria as condições para que os salários reais se mantenham próximos ao nível de subsistência, ou seja, para que a taxa de exploração aumente com a produtividade do trabalho.

Em *Prefácio a Nova Economia Política* (1976), observamos a retomada de pontos analisados nas obras que expomos acima, além do acréscimo dos seguintes:

I) A ideologia do progresso é um forte impulsionador da industrialização periférica.

II) Consequências da penetração do modo capitalista de produção no quadro da dependência externa: tensões na estrutura de dominação interna (fenômeno da insegurança social) e revoluções sociais (que podem ocorrer ocasionalmente). Contudo, segundo Furtado (1976: 60), “[...] a regra tem sido o crescimento relativo da forma autoritária de apropriação do excedente, que tende a fazer-se hegemônica”.

III) Ocorre um duplo processo de concentração de renda: em benefício dos países centrais e, dentro de cada país periférico, em benefício da minoria que reproduz o estilo de vida do centro.



IV) Furtado chama a atenção para pontos importantes a serem estudados, a fim de compreendermos melhor esse processo de “modernização”: a) os grupos que controlam as principais atividades econômicas nos países latino-americanos; b) as relações dos Estados nacionais com as empresas transnacionais.

No livro *Criatividade e Dependência na Civilização Industrial* (1978), que pode ser considerado seu livro mais interdisciplinar, Furtado reforça os aspectos culturais e sociais da “modernização” e da dependência, como observamos nos pontos abaixo:

I) As estruturas sociais internas na periferia são importantes para a compreensão da industrialização dependente. Segundo Furtado (1978, p. 49):

[É] na evolução das estruturas sociais internas que se vê com clareza a especificidade da industrialização dependente. Sua estreita vinculação com o comércio exterior somente pode ser percebida em toda sua complexidade se se tem em conta que a ela corresponde um importante papel na reprodução dos setores sociais que tiveram acesso, ainda que por via indireta, aos valores materiais da civilização industrial. Esta a razão pela qual essa industrialização tem como eixo o fluxo de importações, sendo de menor relevância as suas vinculações com o sistema pré-existente de forças produtivas.

II) A “modernização” também significou ocidentalização, isto é, destruição de valores culturais em vários países da periferia sem haver uma substituição adequada.

III) Apesar do quadro negativo na periferia, Furtado (1978, p. 114-116) vê possibilidades de superação:

A luta contra a dependência passa, portanto, por um esforço para modificar a conformação global do sistema. Que se esteja atualmente discutindo essa questão – mais precisamente: que a conformação global do sistema haja sido questionada – é clara indicação de que a relação de forças se está modificando a favor dos países dependentes. Certo: em grande parte dos países periféricos, as relações externas de dependência estão introjetadas nas estruturas de dominação social. Mas, conforme já observamos, isso não impede a emergência de estruturas de poder tecnoburocrático capazes de explorar a nova situação que se está formando. (...). Dentre os recursos de poder em que se assenta a chamada ordem econômica internacional têm particular relevância: a) o controle da tecnologia, b) o controle das finanças, c) o controle dos mercados, d) o controle do acesso às fontes de recursos não renováveis, e e) o controle do acesso à mão de obra barata. Esses recursos, reunidos em quantidades ponderáveis e/ou combinados em doses diversas, originam posições de força, que ocupam os Estados ou os grandes grupos econômicos na luta pela apropriação do excedente gerado pela economia internacional. Essas posições de força são de peso diferente e em seu relacionamento tendem a ordenar-se, produzindo uma estrutura. A luta contra a dependência não é outra coisa senão um esforço de países periféricos para modificar essa estrutura. Coligações de países permitem ocasionalmente obter a massa crítica requerida para o controle de um recurso, ou articular combinações de recursos de alta eficácia na geração de poder. Controlar os estoques de um produto é importante, mas ainda mais importante é dispor de recursos financeiros para prolongar esse controle. Dispor de recursos de petróleo é uma arma, mas a eficácia dessa arma pode aumentar consideravelmente se se consegue organizar globalmente a oferta de petróleo no mercado internacional.

A partir dessa breve exposição, podemos observar que a dependência cultural se constitui em uma inovação no pensamento de Furtado e se manifesta no fenômeno da “modernização”, em que a mimetização de padrões de consumo das classes médias da periferia a partir dos padrões das classes médias dos países centrais determina um tipo de industrialização poupadora de mão de obra, não adequada à realidade periférica latino-americana e dependente do paradigma tecnológico do centro. Para ele, a superação da dependência cultural passa por pensar um novo modelo de desenvolvimento a partir de um paradigma que seja adequado às necessidades da América Latina, que valorize as características originais da cultura dessa região e que construa uma articulação entre essas nações em termos econômicos e políticos.

Furtado continuou refletindo sobre a questão da cultura, além de ter atuado nesse campo, como podemos observar em *Cultura e desenvolvimento em época de crise* (1984) e na atuação no Ministério da Cultura (1986-1988)<sup>7</sup> após a redemocratização brasileira.

#### 4. Conclusão

A partir do exposto neste trabalho, podemos afirmar que a hipótese de trabalho se confirma ao observarmos na reflexão de Furtado a importância da dependência cultural para a compreensão do subdesenvolvimento da América Latina, dentro de uma perspectiva cada vez mais interdisciplinar e próxima das reflexões produzidas pela TMD.

#### Referências

- Bielschowsky, Ricardo. **Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.
- Cardoso, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1984 (1970).
- dos Santos, Theotonio. **El nuevo carácter de dependência**. Santiago do Chile: Centro de Estudios Sócio-Económicos, 1967.
- dos Santos, Theotonio. **A teoria da dependência: balanço e perspectivas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- Dosman, Edgar. **Raúl Prebisch (1901-1986): a construção da América Latina e do terceiro mundo**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2011.
- Furtado, Celso. **Economia colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII**. São Paulo: HUCITEC, ABPHE, 2001 (Tese de Doutorado, 1948).

---

<sup>7</sup> Para mais detalhes, ver Furtado (2012).



Furtado, Celso. Características gerais da economia brasileira. **Revista Brasileira de Economia**, ano 4, nº 1, 1950, p. 7-36.

Furtado, Celso. A programação do desenvolvimento econômico II. **Revista do Conselho Nacional de Economia**. Rio de Janeiro, v. 2, nº 19-20, novembro-dezembro 1953, p. 11-15.

Furtado, Celso. **A economia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1954.

Furtado, Celso. A técnica do planejamento econômico. **Revista de Ciências Econômicas da Ordem dos Economistas de São Paulo**, ano XI, 70, 1954a, p. 3-13.

Furtado, Celso. **Uma economia dependente**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

Furtado, Celso. Setor privado e poupança. **Econômica Brasileira**. Rio de Janeiro, v. II, 2, abril-junho 1956a, p. 100-2.

Furtado, Celso. **Perspectivas da economia brasileira**. Rio de Janeiro: ISEB, 1958.

Furtado, Celso. Fundamentos da programação econômica. **Econômica Brasileira**. Rio de Janeiro, v. IV, 1-2, janeiro-junho 1958a, p. 39-44.

Furtado, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (1ª edição: 1959).

Furtado, Celso. **A pré-revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

Furtado, Celso. **Dialética do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

Furtado, Celso. **Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Furtado, Celso. **Um Projeto para o Brasil**. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

Furtado, Celso. Brasil: da República oligárquica ao Estado militar. In: FURTADO, Celso. (org.). **Brasil: tempos modernos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968a, p. 1-23.

Furtado, Celso. **Análise do “modelo” brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982 (1972).

Furtado, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

Furtado, Celso. **Prefácio a nova economia política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Furtado, Celso. **Criatividade e dependência na civilização industrial**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Furtado, Celso. **A fantasia desfeita**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Furtado, Celso. **Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura**; organização Rosa Freire d'Aguiar Furtado. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2012

Graciarena, Jorge. Poder y estilos de desarrollo. Una perspectiva heterodoxa. **Revista de la CEPAL**, n. 1, p. 173-193, 1º sem. 1976.

Malta, Maria; Curty, Carla. Elementos metodológicos para a organização da história do pensamento econômico brasileiro: a abordagem das controvérsias. In: MALTA, Maria; LEÓN, Jaime; CURTY, Carla; BORJA, Bruno (orgs.). **Controvérsias do pensamento econômico brasileiro: história, desenvolvimento e revolução**. Rio de Janeiro: Mórula, 2022.

Mannheim, Karl. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1986 (1936).

Marini, Ruy Mauro. Dialética do desenvolvimento capitalista no Brasil. In: MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e revolução**. 5. ed. Florianópolis: Insular, 2014 (1969).

Marx, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011 (1857-1859).

Marx, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008 (1859).

Marx, Karl. **O capital. Teorias da mais-valia: história crítica do pensamento econômico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987 (1906-1910).

Medeiros, Fágner João Maia. A gênese do enfoque de estilos de desenvolvimento na América Latina. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 29, p. 77-103, maio-ago. 2021.

Pinto, Aníbal. Notas sobre estilo de desarrollo em América Latina. **Revista de la CEPAL**, n. 1, p. 97-128, 1º sem. 1976.

PLANO TRIENAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL 1963-65 ([1962] 2011). In: Rosa Freire d'Aguiar Furtado (Ed.), **O Plano Trienal e o Ministério do Planejamento**. Rio de Janeiro: Contraponto, Centro Internacional Celso Furtado.

Pocock, John. **Linguagens do ideário político**. São Paulo: Editora da USP, 2003.

Tavares, Maria da Conceição. **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro**: ensaios sobre a economia brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.